

---

# EDITORIAL

---

## A TEOLOGIA POSSÍVEL

*De 9 a 13 de julho p.p. realizou-se em Belo Horizonte um simpósio nacional de teologia. Acontecimento digno de atenção particular não só pelo que significou em si mesmo, mas também pelas perspectivas de futuro que com ele se abrem para o trabalho teológico dentro da evolução concreta da Igreja no Brasil, assim como pelas características do momento eclesial no qual foi preparado e teve lugar.*

*A simples realização de um encontro de teólogos a nível nacional é um fato eclesial importante. A necessidade de se criar um espaço de diálogo entre os teólogos, a feliz e bem sucedida experiência de um debate aberto e sereno entre bispos e teólogos de diversas tendências no seio da recém-criada Comissão Episcopal de Doutrina (CED), o progressivo caráter "público" da teologia (não só por força dos meios de comunicação social, como mostrou a cobertura do "caso Boff", mas sobretudo pela vitalidade de uma reflexão muito próxima do povo de Deus concreto), são apenas alguns indícios da oportunidade desta iniciativa que, ao que tudo indica, soube canalizar para um terreno comum anseios e expectativas nascidos de instâncias e de preocupações diferentes.*

*O resultado do encontro, aliás, confirmou as expectativas. O clima sereno, a presença fraterna de quatro dos cinco bispos da CED e a liberdade respeitosa das diferentes opiniões manifestadas, vieram demonstrar que o caminho do diálogo aberto e do debate rigoroso é a única via capaz de exorcizar os fantasmas que assombam hoje a Igreja (do Brasil, da América Látina e o próprio Vaticano) na área da teologia, e de elaborar, com tanta seriedade quanto destemor, uma reflexão teológica viva e vivificadora dos caminhos inéditos pelos quais tem que transitar, sob pena de infidelidade, a Igreja do Brasil.*

*Neste sentido o encontro se quis, desde o início, o mais representativo possível: das áreas geográficas, da heterogeneidade de interesses, condições de trabalho e práticas reais que inevitavelmente se abrigam sob a genérica denominação de "teólogo", e das diversas tendências da reflexão teológica no Brasil. E esses foram os critérios que orientaram de fato a escolha das pessoas convidadas. A limitação do número de participantes obedeceu exclusivamente a motivos de organização prática,*

---

entre os quais o econômico, como é natural, teve um papel importante. A lamentada ausência de 16 dos teólogos explicitamente convidados toldou sem dúvida a desejada feição pluralista do encontro, mas não se pode afirmar que tenha afetado sua real representatividade.

Modesto e realista nos seus objetivos, este primeiro encontro não pretendia ser mais do que o passo inicial de um processo maior. Era indispensável, num primeiro momento, a tomada de contato entre um número significativo de teólogos. Além do mútuo conhecimento, ela iniciava o confronto com a situação real e com os problemas vitais que desafiam a Igreja e a teologia no Brasil na busca de instrumentos apropriados para a organização mais racional do trabalho teológico. A convocação de uma reunião para julho de 1985 e a projetada "Sociedade Brasileira de Teologia" são o resultado concreto desse primeiro passo que, no meio das incompreensões, temores e acusações que começam a infeccionar a atmosfera teológica, apostou decididamente no futuro do diálogo.

No horizonte apontava a retomada — depois de um compasso de espera de sete anos e numa perspectiva nova — do que durante a década de 70 tinham propiciado de alguma maneira as "Semanas Teológicas": o restabelecimento de uma espécie de "forum teológico" como lugar adequado e estável para um debate autenticamente livre, honesto e rigoroso.

Mas é possível tirar algumas lições deste primeiro encontro sem esperar pelos resultados futuros. Certas constantes que emergiram são significativas da situação real da teologia no Brasil e certamente irão condicionar a sua evolução nos próximos anos. Por isso merecem uma atenção particular.

Uma primeira constatação era evidente: não estávamos diante de uma assembléia de profissionais "puros". A "teologia possível" é inseparável da absorção dos teólogos no ensino e na formação dos seminaristas. É o que explica a preocupação comum dos participantes com a situação atual dos seminários. Nela transparece um problema não resolvido (na hipótese que tenha sido corretamente equacionado): o da formação das novas (e numericamente crescentes) levas de seminaristas (aumento numérico que exigiria uma análise mais acurada) depois do desmantelamento dos antigos seminários e no contexto de uma consciência eclesial em profunda mutação. A formação dos futuros presbíteros envolve, é verdade, questões de natureza teórica e prática que ultrapassam de longe o problema do ensino e que afetarão inevitavelmente a função da própria teologia na formação presbiteral. A matriz clerical da formação clássica e a figura tradicional do padre são expressões de uma concepção de Igreja e de ministérios que não poderão resistir indefinidamente aos embates da nova experiência eclesial nas CEBs e das suas exigências. Seja qual for, contudo, a evolução eclesial é inegável que ela

não se fará sem uma formação teológica capaz de compreender, acompanhar e interpretar os novos desafios que se apresentam à consciência eclesial. Nesse sentido existem alguns indícios preocupantes com relação ao futuro. Por um lado, a proliferação indiscriminada de novos Institutos, seminários e cursos de teologia. Como interpretar a inevitável improvisação de professores (quando não a reanimação de velhos quadros, alheios ao processo atual) que isso acarreta? Quais deveriam ser as exigências mínimas para se abrir responsabilmente um curso de teologia? Que significa e quais as conseqüências para a teologia da sobrecarga atual dos poucos teólogos e das suas precárias condições de trabalho? Por outro lado, é um fenômeno generalizado a resistência de não poucos estudantes ao exercício mortificante de uma reflexão mais exigente que ultrapasse os interesses míopes do imediatismo pastoral. As causas deste fenômeno são certamente muito complexas, mas a preguiça teológica e a paralisia da inteligência cristã podem ter efeitos nefastos sobre a própria vida eclesial. A simultaneidade destes dois fenômenos está a exigir um autêntico discernimento que leve a opções lúcidas e corajosas sob pena de estarmos colaborando para a criação de um vazio teológico extremamente perigoso para o futuro da vida eclesial no Brasil.

Em segundo lugar chamou a atenção a convergência de perspectivas e de preocupações constatada no encontro. Seria simples demais atribuí-la a uma escolha prévia e unilateral dos participantes. Era muito patente a diversidade dos teólogos assim como a multiplicidade de práticas teológicas para poder-se falar de uma única linha de pensamento. O que, apesar desta inegável heterogeneidade, permite compreender a unanimidade de pontos de vista não é a afiliação a uma corrente teológica e muito menos a um movimento teológico, mas a nota marcadamente eclesial da reflexão teológica sempre mais próxima da fé vivida das comunidades, a surpresa de descobrir-se dentro de uma experiência eclesial cujas características comuns se repetem ao longo e ao largo da geografia nacional.

Esta eclesialidade é, ao mesmo tempo, um fato e um desafio para a reflexão teológica. A vitalidade de que ela tem dado provas, vem em grande parte, da sua inserção na vida concreta de comunidades situadas. Nesse sentido é significativo o engajamento "pastoral", direto e permanente, da maioria dos teólogos presentes. Nem é por acaso que o aparecimento de uma reflexão teológica própria (que depois viria a ser genericamente denominada "Teologia da Libertação") tenha coincidido, de alguma forma, com o fechamento dos seminários e a "liberação pastoral" de um grande contingente de professores. Tal reflexão não teve a sua origem nas "escolas" mas nasceu "fora dos muros". Ao debruçar-se sobre as urgências da vida, descendo à arena tumultuada da práxis ecle-

---

sial, a reflexão teológica era devolvida ao seu solo natal, do qual nunca deveria ter-se separado: a fé viva da comunidade, celebrada nas aspirações, nos desafios, nas lutas e sofrimentos de cada dia. Em contato com a vida, a teologia só podia ser revitalizada. Ao mesmo tempo tinha que renunciar a ser monotonamente repetitiva para tornar-se criadora. Nesse momento abandonava as regiões assépticas da "neutralidade" acadêmica para tomar pé no terreno movediço das questões inéditas e por isso mesmo disputadas.

Essa evolução de fato, representa um verdadeiro desafio para o futuro da teologia. A partir da segunda e terceira gerações ela terá que resistir à tentação de constituir-se em "sistema", numa nova "escolástica", para não esquecer a origem da sua vitalidade: o seu enraizamento na vida da Igreja. Como articular organicamente a crescente demanda teológica das comunidades — que se tornam de alguma forma e num sentido particular "sujeitos" do próprio teologizar — com o trabalho especializado (científico, metódico, sistemático) do teólogo profissional? A teologia não poderá subtrair-se a este desafio sob pena de "popularizar-se" no mau sentido ou de tornar-se falsamente "acadêmica" e "escolar".

Finalmente — last but not least — um aspecto digno de ser assinalado ainda neste encontro foi a presença positiva e encorajadora dos membros da CED. Presença esta que revela o espírito de diálogo com os teólogos — concretizado em várias reuniões mistas de estudo e de debate — que presidiu à constituição da CED no Brasil e que exprime ao mesmo tempo a possibilidade real de um relacionamento maduro e des-traumatizado entre magistério e teologia.

Os recentes acontecimentos envolvendo teólogos e instâncias magisteriais da Igreja universal — mais ainda, a maneira mesma de fazer teologia na América Latina — confirmam a necessidade, a importância e as dificuldades que deverão ser superadas na busca de um verdadeiro diálogo que redunde em bem da comunidade eclesial. São muitos os temores, as suspeitas e os mal-entendidos de ambos os lados a serem dissipados. Porque é muito antiga e conturbada a história das relações entre magistério e teologia. Longo e difícil será, portanto, o caminho a ser percorrido na busca de novas relações. Nesse esforço paciente, um papel importante deve ser atribuído à memória histórica. Só a tomada de consciência dos condicionamentos e dos limites de um modelo histórico concreto (como foram, por exemplo, as relações entre magistério e teologia nos dois últimos séculos) proteger-nos-á da tentação de transpor em termos dogmáticos o que na verdade são apenas dados contingentes. Para além do nível emocional dos "casos particulares" ou das reações autoritárias de certas "práticas" concretas, o problema deve ser coloca-

---

*do no nível estrutural. Magistério e teologia não são fatos teológicos puros. São funções eclesiais que não se explicam nem se entendem em si mesmas e devem, por isso mesmo, ser reconduzidas ao solo comum da fé da "ekklesía". Só a partir da diversidade irreduzível das duas funções — reconhecidas e respeitadas ambas como necessárias, em níveis diferentes, para a vida da comunidade eclesial — será possível um relacionamento mútuo fecundo e respeitoso. Qualquer tentativa de superar a originária e fecunda tensão — que tem as suas raízes na irreduzibilidade das funções — pela supressão de um dos termos ou pela subordinação pura e simples da teologia ao magistério, só poderá ser perniciosa para o magistério, para a teologia e, em última análise, para a comunidade eclesial. É por esses delicados caminhos do diálogo que deverá ir abrindo caminho, com coragem, o serviço eclesial de uma "teologia possível".*